

B I C O
DE OBRA GROSSA
EM AR DE FESTA

Que por morte do Neptuno do Rocio
fizeraõ os Agoadeiros do Chafariz do
Loreto ao feu Neptuno.



L I S B O A

Na Offic. Patr. de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LXXXV.

Com licença da Real Meza Censoria.



221

mcb 443 817

F. 3125

RES.

320718 P

ROMANCE.

S Enhor Neptuno, a seus pés
 Estes sórdidos Galegos,
 De barril venaes Atlantes,
 Por outro nome, Agoadeiros:
 Humildemente prostrados,
 Juramos que o conhecemos
 Por Neptuno deos das agoas
 Do Chafariz do Loreto.
 Não julgue Vossa mercê,
 Por nos ver andar ronceiros,
 Que nasceo da vilania
 A demora deste obsequio.
 Galegos são timoratos,
 E tanto não foi desprezo,
 Que inculca a nossa vergonha
 Parte de hum grande respeito.
 Até agora duvidámos
 Deste conhecimento,
 Por haver nesta Cidade
 Outro Neptuno mais velho:
 Diziamos entre nós:
 Quem sabe se este estrangeiro,

Depois de vir lá da Italia ,
 He intruso , ou he travêssô ?
 Dois Neptunos em Lisboa
 Indicaõ tristes successos ,
 Que de dois Amphitriões
 Já vimos grandes enredos.
 Dois Neptunos ! forte historia !
 Isto faz bater nos téstos !
 Só se o segundo Neptuno
 Do outro Neptuno he neto.
 Mas a nós que nos importa
 Saber deffes parentescos ,
 Se do antigo vale a posse ,
 Por ser em tempo o primeiro ?
 He verdade que o segundo
 Lá padece seus defeitos ,
 Porque na barba do tolo
 Aprende o novo barbeiro.
 Mas armou-se de Tridente ,
 E usou do seu ministerio ,
 Corra por onde correr ,
 As agoas vai dispendendo.
 E tem feito em poucos annos ,
 Mais do que o outro em duzentos ,
 De sorte que os dois golfinhos

(5)

De reserva estaõ suspensos.
 Em dize tu , direi eu ,
 Tanta algazarra fizemos ,
 Que houve tal , que de gritar
 Tinha o gorgomillo secco.
 Fomos molhar a palavra
 Para envidarmos o resto ;
 Que depois de beber muito
 Fallaõ dois n'um só sujeito.
 Eis que chegou Joaõ de Cangas
 Com barril destes pequenos ,
 E depois de o pôr no chaõ ,
 Delle mesmo fez assento.
 E disse em ar de enfadado ,
 Pondo as mãos sobre os joelhos ,
 Carregando as sobranceiras ,
 E alargando os cotovelos :
 Vossês grunhem taõ confusos ,
 Que nem palavra lhe entendo ,
 No cabo tudo espremido
 Naõ dá de vinho hum bochecho.
 Mas sempre quero saber
 De que consta o argumento ,
 Porque devo ser ouvido
 Para dizer o que entendo.

* iii

Nós

Nós que temos este Amigo
 Por honrado em tanto extremo,
 Que a pezar de mil partidos,
 Nunca deu perdaõ ao meco:
 Galego de tal calibre,
 Que quando da terra veio,
 Dizem que foi despachado
 Como fazenda de fello.
 Logo que intentou saber,
 O que estavamos dizendo,
 Fallámos atrapalhados,
 Que nós cá nos entendemos.
 Como pudémos contámos
 Todo o cazo controverso
 Sobre haverem dois Neptunos,
 E ser hum delles suspeito.
 Ouvio, e esfregando as mãos,
 Deixou descahir o beijo,
 E entre as gósmas do pigarro,
 Razoou neste processo:
 Isto he cazo, disse o Cangas,
 Que os faça andar amarelos?
 Tem Vossês o seu Neptuno,
 Que importa que hajaõ trezentos?
 Quem lhe tira o paõ da mãõ?

(7)

Vossês são mais mulherengos,
 Doque os tristes alfaiates,
 Que de huma aranha tem medo.
 Vossês não tem chafarizes
 De agoas livres de fobejo,
 Que Neptuno dá de graça,
 E vendem por bom dinheiro?
 Vossês não vem de Galiza
 Para Portugal, ao cheiro
 Do cabedal que se junta
 Por mil modos de carretos?
 Não vão para as suas terras
 Como os ouriços cacheiros,
 Comprar bastantes fazendas
 Para regalo, e sustento?
 Então que mais querem? digaõ?
 Não se dão por satisfeitos
 De ter barrís diminutos
 Neste ramo de commercio?
 Quanto mais que esse Neptuno
 Focinho de ferro velho,
 Espantalho do Rocio
 Injuria atroz dos bonecros;
 Esse mendigo das agoas,
 Que por occultos obsequios,

Vendo regar alegrete,
 A' sede estava morredo;
 Esse Neptuno que esteve
 Como nabo de sequero,
 Que não medra, porque encontra
 Sempre Estio, e nunca Inverno;
 Esse fantasma do poço,
 Esse inválido esqueleo,
 Que he mais difficil ter succo;
 Do que tirar mel d'um feixo.
 Esse que a pezar das fontes
 Sempre esteve padecendo
 A dôr de pedra mas dura
 Que a pedra de que foi feito;
 Esse que ás portas da morte,
 Esgotando-se os remedios,
 Vio que seccando-seas fontes,
 Tem pouca vida o enfermo;
 Esse que ficou pasmado
 Em figura de estafemo,
 Assim por modo de besta
 Achacada de agoarento.
 Esse que o mesmo Tridente
 Lhe cahio por entre os dedos,
 Por estar estuporado,

(9)

Sem acção, nem sentimento;
 Foi apeado, e deposto
 Por varias faltas de inteiro,
 E ter sido para as partes
 Taõ secco como elle mesmo.
 Já lá vai, ja se acabou;
 E foi sacado este verso,
 Para haver alguma coiza
 Com que lhe fazer o enterro.
 Olhámos huns para os outros
 Compungidos do successo;
 Que sempre depois da morte
 Saõ menos máos os sujeitos.
 Ah miseravel Neptuno,
 Dissemos bem languinhentos,
 Que nem huma sede de agoa
 Te mandaraõ do teu Reino!
 Quem naõ tem naõ póde dar,
 Tu nunca foste avarento,
 Foste pobre, e sempre andaste
 Por baixo dos agoaceiros.
 Ficastes abandonado
 Soffrendo tantos desprezos,
 E todos que te chupáraõ,
 Vistes depois pelo ayesso.

Ha

Ha muitos destes ingratos,
 Que de favores imensos
 Ou se esquecem, ou affirmão,
 Que forão devidos premios.
 Agora resta saber
 Como nos amanharemos;
 Pois isto de cortezia
 Para nós inda he segredo.
 Vossês todos, disse o Cangas,
 A dois e dois de emparelho,
 A' maneira de forçados
 Se apresentem no Loreto.
 Ponhaõ de parte os barrís,
 E a toque de hum bom gaitero,
 Diante do seu Neptuno
 Curvem primeiro os joelhos.
 E trinando as castanholas
 Façaõ de contentamento,
 Tal sarambeque de coices,
 Que lhe fique o chaõ tremendo.
 Se Neptuno naõ fallar,
 Sempre os barrís vaõ enchendo;
 Porque quem cala consente.
 Affirma o nosso proverbio.
 Isto passou entre nós

(II)

Como bem narrado temos.
 Agora Senhor Neptuno
 O dito dê por bem feito.
 Sirva-se da sujeição
 Voluntaria que rendemos,
 E deste baile, que mostra
 O nosso contentamento.
 Entrou a roncar a gaita,
 Tocou o tamborileiro
 Depois de affoar o monco
 A' mão, que ferve de lenço.
 Quando . . . oh Deos das nossas almas!
 Forte caso! forte aperto!
 Parece que no conflicto
 Inda nos estamos vendo!
 Levantou-se huma algazarra
 De libertinos bréjeiros,
 Que no jogo das feixadas
 São afoitos, e são destros;
 E entre a confusão das vozes
 Entre assobios immensos,
 Fóra tolos, fóra tolos
 Percebiamos dos eccos.
 Choviaão talos de couve,
 Choviaão bólas de esterço,

De

De limaõ choviaõ cascas,
 E em fim choviaõ chichelos.
 Tropeçámos nos barrís,
 Muitos cahiraõ de medo,
 Nenhum sabia de si,
 Todos andavaõ dispersos.
 Eraõ tantas as rizadas
 Do povo, que estava vendo,
 Que pareciaõ garotos,
 Té os mesmos homens sérios.
 Houve tal na companhia,
 (Vejaõ do susto os effeitos!)
 Que lhe deo na bóla hum talo,
 E cuidou que era cutéllo.
 Era taõ grande a balburdia,
 Que muitos dos companheiros
 Se naõ davaõ por seguros
 Lá dentro do cemiterio.
 Trabalhava o nosso Cabo
 Em pôr todos em socego;
 Mas em vaõ, porque podia
 Mais o pavor, que o respeito.
 Dizia cheio de raiva,
 Berrando como hum bezerro,
 Naõ fujais, porque só eu

(13)

Basto para defendervos.
 E lançando mão do banco,
 Que tinha á porta hum barbeiro,
 Correo, como gato a bofes,
 Investindo a peito aberto.
 O banco na mão direita,
 O faco no braço esquerdo,
 Parecia o grande Cabo
 O Ferrabrás dos Galegos.
 Fez tiro do banco a dois,
 Que zombaraõ do arremeço;
 Porque nunca fazem sangue
 Cutiladas que vaõ perto.
 Levou o banco a seu dono
 E alli disse hum manteigueiro
 Sujeito condecorado,
 Senhor de muitos talentos,
 E que sómente hum lhe falta
 Para ter juizo inteiro,
 Que tem lido Carlos Magno,
 Auto do Infante Dom Pedro,
 Constante Florinda, e outros
 Do mesmo predicamento:
 Galegos sempre saõ brutos,
 Foi bem feito, foi bem feito.

Que

Que foi bem feito ? que diz ?
 Respondeo o Cabo esperto,
 Se algum me cahir nas mãos
 Não tem de vida hum momento.
 Quero saber que lhe importa
 Os nossos divertimentos,
 Para nos meter a bulha,
 E atirarnos cá com seixos.
 Vossês he que tem a culpa
 (Replicou o tal sujeito :)
 Qual he o homem Christaõ,
 Que faz a Neptuno obsequios ?
 A fabula de Neptuno,
 E a mentira he tudo o mesmo :
 E quem venera a mentira,
 Da verdade faz desprezo.
 Luminarias a Neptuno,
 Isso nem por pensamento ;
 Que cheira á barbaridade
 Do Gentio branco , e preto.
 Se houverem publicas festas
 Similhantes ás que temos,
 Ponhaõ-nas em suas cazas,
 Como ordena o Ministerio.
 Alli cantem, folguem, bailem,

(15)

Mostrando o seu gosto interno,
Que provém das Regias Nupcias,
Que a paz seguraõ dos Reinos.
Nós que tínhamos sahido
Como da cova os coelhos,
De ouvirmos esta doutrina
Ficámos bem satisfeitos,
E de acordo commum todos
Fizémos este protesto:
Nunca mais ao tal Neptuno
Luminarias, nem festejos.

De L. J. P.



